



MANUAL DE BOAS PRÁTICAS E
BEM-ESTAR ANIMAL NO TURFE

Boas práticas para um bom comportamento

Henrique dos Reis Noronha

Giovana Mancilla Pivato

Novembro/2022

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA
Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura - IICA

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA
Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Sustentável e Irrigação

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS E
BEM-ESTAR ANIMAL NO TURFE

Boas práticas para um bom comportamento

4

Missão do Mapa:

*Promover o desenvolvimento sustentável
das cadeias produtivas agropecuárias,
em benefício da sociedade brasileira*

Brasília
MAPA
2022

Todos os direitos reservados. Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é do autor.

1ª edição. Ano 2022

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Sustentável e Irrigação
Departamento de Apoio às Cadeias Produtivas
Coordenação de Boas Práticas e Bem-Estar Animal
Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - andar, Sala 106B
CEP: 70043-900 Brasília - DF
Tel.: (61) 3218-2541
e-mail: turfe.cbpa@agro.gov.br

Coordenação Editorial – Lizie Pereira Buss

Equipe técnica:

Autores: Henrique dos Reis Noronha e Giovana Mancilla Pivato

Co autores: Carlos Eduardo Wayne Nogueira, Gabriela Marocco Raphaelli, Paloma Beatriz Joanol Dallmann, Isadora Paz Oliveira dos Santos, Eliza Moreira Piemolini e Natália Buchhorn de Freitas

Fotografias: Carlos da Silva Freitas, Lucas Borba e Gilvane Marca dos Santos

Diagramação: Vinicius Santos

Revisão de língua portuguesa: Tais G. Morales

Set's de fotografia e filmagem: Jockey Club do Rio Grande do Sul, Rancho Trilha do Sol, Cabanha Dom Braulio e Cabanha Marca dos Santos

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Boas práticas para um comportamento adequado / Henrique dos Reis Noronha, Giovana Mancilla Pivato. Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação. – Brasília : Mapa/AECS, 2022.

il. ; (Manual de boas práticas e bem-estar animal no turfe; 4)

Recurso: Digital

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-7991-199-6

1. Equino; 2. Boas práticas; 3. Bem-estar animal; 4. Carlos Eduardo Wayne Nogueira; 5. Gabriela Marocco Raphaelli; 6. Paloma Beatriz Joanol Dallmann; 7. Isadora Paz Oliveira dos Santos; 8. Eliza Moreira Piemolini; 9. Natália Buchhorn de Freitas; I. Manual de boas práticas e bem-estar animal no turfe; II. Título.

AGRIS 5100

*“Por falta de um prego, perdeu-se uma ferradura.
Por falta de uma ferradura, perdeu-se um cavalo.
Por falta de um cavalo, perdeu-se um cavaleiro.
Por falta de um cavaleiro, perdeu-se uma batalha.
E assim, um reino foi perdido. Tudo por falta de um prego.”*

George Herbert

Apresentação



Boas práticas para um bom comportamento

Este manual é o quarto de uma série de cinco manuais que são parte da consultoria em BOAS PRÁTICAS E BEM-ESTAR ANIMAL NO TURFE, visando à elaboração de estudos técnicos e preparação de materiais informativos sobre o condicionamento e manejo de equinos na atividade turfística, em apoio técnico à Coordenação de Boas Práticas e Bem-Estar Animal (CBPA/DECAP/SDI/MAPA) no programa de “Modernização da gestão estratégica” do MAPA para aperfeiçoar as políticas públicas de promoção do desenvolvimento sustentável, segurança alimentar e competitividade do agronegócio, neste caso específico.

Nestes manuais, abordaremos de forma objetiva aspectos que precisam ser considerados para a viabilidade técnica das entidades turfísticas, conforme estabelece a Instrução Normativa 02/2021, dando total atenção às boas práticas, ao bem-estar e a saúde única.

Cabe ainda salientar que a referida Instrução Normativa aporta um novo elemento à atividade turfística, que é o “autocontrole”. Para isso, é necessário que a entidade passe por um processo de maturação e capacitação e elabore um plano de boas práticas da instituição.

Para auxiliar na construção deste plano e na compreensão das boas práticas, utilizamos a mesma divisão de conteúdos utilizados para referida Instrução Normativa, que são eles:

1. Boas práticas para uma boa alimentação
2. Boas práticas para uma boa saúde
3. Boas práticas para um bom alojamento
4. Boas práticas para um comportamento adequado

Também contemplamos neste manual algumas instruções de suma importância para a elaboração do plano de boas práticas das entidades turfísticas, baseado na metodologia PDCA.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Henrique R. Noronha
Médico Veterinário

Introdução



O turfe está entre os esportes equestres de maior relevância e com grande referencial histórico e cultural em nosso país, gerando emprego e renda em praticamente todos os estados da Federação.

Como todos os esportes equestres, o Turfe também passa por uma fase de evolução, tanto com relação a performance, quanto com relação a visão que a sociedade tem do mesmo.

Todo esporte equestre precisa cumprir diversos requisitos legais para seu funcionamento, mas sobre tudo isso há ainda uma licença mais complexa, o que chamamos de “licença social para operar”, que é uma concessão que determinada sociedade está ou não disposta a dar para certos esportes equestres.

Qualificar o turfe é um grande desafio e que precisa do engajamento de todos os “atores” deste cenário, com comprometimento, muito estudo e, sobretudo, com a compreensão de que o ator principal desta obra é o cavalo, e é a ele que devemos toda a nossa dedicação e respeito.



Neste quarto livro vamos tratar das boas práticas para um comportamento adequado, dando destaque aos comportamentos naturais do cavalo e buscando uma interpretação dos mesmos, baseando-se em critérios científicos.

Vale ressaltar que toda observação ou ação sobre comportamento, deve ser feita sob o prisma do cavalo, uma espécie *sui generis*, com características muito distintas e que precisa ser compreendida como um ser senciente.

Este manual aborda a importância dos registros e do monitoramento dos comportamentos estereotipados, das práticas de treinamento e competição, primando por práticas que não provoquem sofrimento ou dor, bem como não se utilizem de intimidação.

Também abordamos as práticas de treinamento visando o condicionamento físico, as práticas de transportes, bem como os períodos de descanso, tão necessários aos cavalos atletas.

Por fim, este manual traz propostas de enriquecimento ambiental e ainda apresenta possibilidades de recolocação e reabilitação dos animais aposentados para este esporte.

Boas práticas para comportamentos adequados



As boas práticas para um comportamento adequado devem ser observadas sempre pelo prisma do cavalo. A expressão “adequado” se refere à forma como o próprio cavalo se comporta ou se manifesta naturalmente.

Sabemos que em um ambiente esportivo e de alta performance, não é possível manter os cavalos em vida livre, como uma manada selvagem. Porém, devemos entender e conhecer o comportamento natural da espécie, para assim poder prover, mesmo que em um ambiente reduzido, condições mínimas de bem-estar e de qualidade de vida.

Procedimentos e registros para a identificação e monitoramento de estereotípias

Cabe salientar que antes dos registros e identificação de estereotípias é necessário ter conhecimento do comportamento considerado normal da espécie equina como também de cada indivíduo, para assim saber identificar quando houver alguma alteração. Quando soltos, os cavalos passam de 15-18h por dia se alimentando e selecionando o alimento e, em seguida, em ócio. Nesse tempo livre interagem com outros animais, bebem água (considerado uma atividade social assim como comer), realizam “grooming” (prática de escovação e limpeza) com outros cavalos ou se auto higienizando em superfícies no ambiente. Podem também realizar alguma atividade física ou se alongar, dormir e espojar. Quando presos em baias, passam a maior parte do seu tempo em ócio e se alimentando de itens já previamente selecionados, além de terem pouco contato social com outros animais.

As estereotípias são definidas como um comportamento anormal, com movimentos repetitivos e aparentemente sem função. Algumas das teorias para a existência das estereotípias é que o animal realiza esses comportamentos como forma de alívio e adaptação ao ambiente.

As estereotípias podem ser classificadas como locomotoras ou orais:



- **Locomotoras:** síndrome do urso (o animal manifesta movimentos de andar em círculos na baia, balançar a cabeça, pescoço e membros anteriores de forma lateralizada); escavação do chão da baia com as patas; coicear a baia, entre outros comportamentos.
- **Orais:** aerofagia com ou sem apoio (ingestão de ar sem o cavalo apoiar-se em algum objeto, ou com apoio, que são movimentos combinados, quando usa a baia ou outro objeto como apoio para os dentes); lambeduras de barras, cochos e outros objetos; colocação da língua para fora da boca e chacoalha repetidas vezes, entre outros comportamentos

Após saber identificar, é necessário registrar e monitorar diariamente o animal para avaliação de constância e intensidade desses comportamentos anormais/alterados. Além disso, identificar quais as possíveis causas para o surgimento desses comportamentos, com intuito de tentar ajustar adequadamente o manejo do animal e desta maneira, possibilitar a diminuição dessas estereotipias.



Uma boa forma de realizar essa identificação é através de uma planilha; nela pode ser colocado o nome do animal, frequência de visualização da estereotipia e proposta de intervenção no manejo para solução desse comportamento, tal como os slow feeders (já citados).

Monitoramento das práticas de treinamento e competições, incluindo a proibição de práticas baseadas na dor e intimidação

É importante considerarmos os aspectos fisiológicos do animal, antes de qualquer estabelecimento no tempo de treinamento e no tempo de descanso. Os cavalos são ativos a qualquer hora do dia e possuem acuidade visual tanto à luz fraca quanto sob alta luminosidade. A presença e a prevalência de comportamentos anormais podem estar relacionadas com a duração da jornada de trabalho de cavalos de corrida. Cavalos que trabalham por muitas horas por dia exibem maiores comportamentos anormais em comparação com cavalos que trabalham menos. Outro fator a ser destacado é que o período de descanso deve levar em consideração o tempo que o animal passa solto em piquete e não apenas confinado em cocheiras, uma vez que, muitas horas de confinamento é um dos problemas de bem-estar que aumentam o risco de comportamentos estereotipados. O tempo de descanso é fundamental para o bem-estar animal como também para restabelecimento de seus parâmetros bioquímicos, hematológicos e recuperação muscular.



O período de trabalho que um cavalo realiza não deve ultrapassar 3 horas. De preferência, deve trabalhar apenas 1 hora por dia, tempo equivalente às atividades físicas que ele realizaria em vida livre. Ainda, cavalos que são mantidos durante muito tempo confinados podem ter seu comportamento e determinadas unidades motivacionais afetados diretamente, principalmente se o clima, ambiente e exercício forem inapropriados. Assim, dependendo das condições em que os cavalos são mantidos e as atividades em que são colocados e exigidos, podem afetar seu bem-estar, pois são mantidos em condições incompatíveis com a sua fisiologia natural. O comportamento do cavalo praticamente não sofreu alteração com a sua domesticação, portanto, é que se respeite o cavalo e o limite dos mesmo, buscando sempre o equilíbrio físico e mental do animal.

Ressalta-se ainda que, o uso de punições em qualquer grau do treinamento e de competições pode causar danos aos cavalos, intensificando o problema ao invés de evitar o comportamento; conseqüentemente torna-se ineficaz, podendo ser antiético e até mesmo abusivo. Além disso, pode gerar problemas emocionais, como hiperatividade, medo excessivo das pessoas ou situações, além de estresse.

O uso de chicotes, de acordo com o Código Nacional de Corrida, só pode ser usado para domínio e incentivo do cavalo, impedidos de aplicar como forma de castigo moderado, excessivo ou desnecessário, desde o momento que o jóquei montar até ao desmonte.



Ressalta-se que o conceito de punir um comportamento inadequado não é entendido pelo cavalo como uma lição ou algo a ser aprendido; qualquer tipo de correção é semelhante a punição na perspectiva do animal. Este tipo de tentativa de treinamento ou teoria de aprendizado para o animal o mostra o que ele muitas vezes não deve executar novamente, mas não o que ele deve fazer.

Frente a isso, sugere-se que os animais que ainda não estão suficientemente preparados para competição e/ou estão passando por situações estressantes ou de alta pressão no esporte, devem ser afastados até estarem adaptados o suficiente aos treinamentos e por fim, estarem preparados para as competições.

Monitoramento das práticas de transporte

O embarcador deve oferecer segurança aos animais e cavaleiros no momento da chegada e saída dos mesmos; deve permitir que o caminhão encoste completamente, sem a presença de fendas ou espaços. O piso deve ter capacidade antiderrapante e as paredes laterais devem ser confeccionadas com material resistente; tanto para troncos de contenção quanto para embarcadores e locais para banho é indicado o uso de piso de borracha ou outro material antiderrapante.



É imprescindível a existência de embarcadouro exclusivo para os animais em quarentena, bem como de embarcadouro que permita um acesso fácil e rápido para chegada ou saída de animais do hospital ou ambulatório veterinário.

Protocolos de enriquecimento ambiental

O enriquecimento ambiental consiste na introdução de variedades de ambientes, que estimulem situações que ocorreriam normalmente, assemelhando-se à natureza, tornando o ambiente mais dinâmico e desafiador aos animais, que permita a oportunidade de escolha e assim o controle do seu ambiente, podendo aumentar o conforto dos equinos em confinamento e diminuir as chances de desenvolvimento de estereotípias. Existem diversas maneiras de se enriquecer o ambiente do animal, como por exemplo:

- **Estrutura física:** através da colocação de galhos verdes, pedras, cordas e pneus nas baias como também nos piquetes;
- **Estimulação sensorial do animal:** auditivo, com o uso de sons da natureza ou sinos que possam chamar atenção dos animais e entretê-los; olfativo, com o uso de objetos perfurados contendo fezes de animais da mesma ou outras espécies; visual, que é também um estímulo social, através da disposição de um espelho dentro da baia, pois a maioria dos animais não se reconhece e o seu reflexo pode simular a convivência com outro animal; presença de janelas para o ambiente externo, permitindo contato visual com animais da

mesma e de outras espécies e até mesmo seres humanos; cognitivos para os animais manipularem, como o uso de brinquedos como bolas de diferentes cores e tamanhos, penduradas dentro das baias, ou soltas nos piquetes. Ainda, poder consumir feno/verde o tempo todo pode ser considerado o melhor enriquecimento ambiental para um cavalo em baia. Não cortar o verde de capineira, para permitir que o cavalo selecione o que quer comer o que não quer; é fácil de fazer e simula bem o que é comportamento do pastejo.

Há também o estímulo alimentar, que consiste na disponibilização de diferentes tipos de alimento na sua forma de conquista como também na sua obtenção mais lenta, como disponibilizar diferentes espécies de forrageiras, permitindo selecionar o alimento ou uso de objetos pendurados, como o torrão de açúcar mascavo e as bolsas de feno (slow feeder), e perfurados contendo alimentos (ração, sal mineral, cenouras congeladas, maçã, entre outros).



Reabilitação e recolocação de cavalos aposentados

A perecibilidade dos cavalos de corrida é um aspecto que precisa ser repensado. Mediante as boas práticas de criação, manejo e treinamento desses animais, a longevidade atlética dos mesmos passa a ser uma nova realidade.

De qualquer forma, muitos cavalos que perdem a capacidade de treinar ou competir em alta performance para determinado esporte, podem readaptar-se para outros esportes ou outras atividades.



Estas reabilitações ou readaptações devem partir sempre do pressuposto do bem-estar dos cavalos, e devem levar em consideração os aspectos individuais de comportamento e de condição física.

Alguns cavalos de corrida adaptam-se plenamente ao salto, por exemplo; já outros podem ser destinados a passeio, ou até mesmo a equo ou hipoterapia, e há ainda a crescente possibilidade de torná-los animais de companhia, especialmente para cavalos com limitações físicas, que os impeçam de manter alguma vida atlética.

Conclusão



O comportamento adequado precisa ser interpretado e observado contemplando as especificidades da espécie equina. Qualquer pessoa que trabalhe ou conviva com cavalos, tem a obrigação de compreender seus comportamentos naturais, para assim saber interpretá-los, e ser capaz de observar possíveis alterações.

No manejo diário, a observação individual é a grande chave que separa o sucesso do insucesso. Estar atento às mudanças sutis de comportamento, aos pequenos conflitos, às escolhas e preferências dos cavalos, pode ser o diferencial no trato dos mesmos, que possibilitará o resultado e a performance.

É necessário que busquemos paulatinamente a melhor qualidade de vida e bem-estar aos cavalos atletas, provendo uma vida que vale a pena ser vivida.

A etologia, o estudo do comportamento, é uma ciência e como tal precisa ser estudada e compreendida com critérios científicos. Neste ponto, os conhecimentos prévios e as questões culturais podem tornar-se um ponto de conflito. É preciso estar atento a isto e combater aqueles conceitos previamente estabelecidos, mas que não se sustentam do ponto de vista científico.

Cabe sempre lembrar que tratamos de um ser senciente, com capacidade de entender, pensar, fazer escolhas e ter sentimentos e preferências. Tudo isso deve ser considerado durante a vida atlética e após a mesma, quando este será aposentado ou reabilitado para outras funções.

Bibliografia

- JÚNIOR, Alexandre Canal. Influência do tempo de estabulação no comportamento de equinos da raça crioula. **Unoesc & Ciência-ACET**, v. 6, n. 2, p. 201-208, 2015.
- MCKEEVER, Kenneth Harrington. The endocrine system and the challenge of exercise. **The Veterinary Clinics of North America. Equine practice**, v. 18, n. 2, p. 321-53, vii, 2002.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Manual de boas práticas para o bem-estar animal em competições equestres. Brasília. 2015. 32 p.
- RIBEIRO, Lucas Cândido. Bem-estar e desempenho do cavalo atleta. 2020. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Grau de Zootecnista) - Escola de Ciências Agrárias e Biológicas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás. 2020.
- SEABRA, Jéssica Carvalho. Diferentes intensidades de exercício para o bem-estar de cavalos de corrida em treinamento. 2017. 70 f. Dissertação (Mestrado em zootecnia) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento. **Manual de boas práticas de manejo em equideocultura**. 2017. Disponível em: <<https://www.bibliotecaagpeta.org.br/zootecnia/equinocultura/livros/MANUAL%20DE%20BOAS%20PRATICAS%20DE%20MANEJO%20EM%20EQUIDEOCULTURA.pdf>>.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº6, de 16 de janeiro de 2018**. Disponível em: <http://www.iagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/INSTRU%C3%87%C3%83O-NORMATIVA-N%C2%BA-06-DE-16.01.18_CONTROLE-E-ERRADICA%C3%87%C3%83O-DE-MORMO.pdf>.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº 34, de 25 de julho de 2018**. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/08/2018&jornal=515&pagina=10>>.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **E-SISBRAVET: Manual do Usuário**. Brasília: MAPA, p. 4-5. 2020. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/Manual_Usuário_Sisbravet_versao_2_2020.pdf>.
- GOODWIN, D. Horse Behaviour: Evolution, Domestication and Feralisation. In: WARAN, N. (Ed.). **The Welfare of Horses**. 2007, p. 1-18.
- RYAN, S.; BACON, H.; ENDENBURG, N.; HAZEL, S.; JOUPPI, R.; LEE, N.; SEKEL, K.; TAKASHIMA, G. **Diretrizes para o Bem-Estar Animal da WSAVA**. 2020. Disponível em: <<https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/WSAVA-Animal-Welfare-Guidelines-2018-PORTUGUESE.pdf>>.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

